



A Agroecologia como matriz formativa no trabalho nas escolas do campo *Agroecology as a formative matrix in work with rural schools*

GAIA, Marília Carla de Mello¹; JANATA, Natacha Eugênia²
Universidade Federal de Santa Catarina
¹ marilia.gaia@ufsc.br, ² natacha.janata@ufsc.br

Eixo temático: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: Este texto visa contribuir com as possíveis e necessárias conexões da Agroecologia à organização do trabalho pedagógico e educativo nas escolas do campo. Colocando a Agroecologia como matriz formativa podemos avançar na transformação das escolas do campo, construindo pilares para acumular conhecimentos e experiências no sentido da superação da exploração do trabalho no campo e dos recursos naturais.
Palavras-chave: Educação do Campo; Formação de professores.
Keywords: Field Education; Teacher training.

Introdução

Esse trabalho parte das construções teóricas e práticas que envolvem nossa experiência como docentes da Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na construção coletiva do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Escola do Campo e Agroecologia (GECA/UFSC) e nos diferentes espaços de atuação política em que nos inserimos. Buscamos refletir sobre as possíveis conexões que a Agroecologia tem a dar para a organização do trabalho pedagógico e educativo nas escolas do campo. Trazemos a distinção entre pedagógico e educativo para reforçar o horizonte da ligação da escola com a vida, o que se faz para além da própria escola, mas obviamente não sem ela. Nesse ponto, concordamos com a perspectiva anunciada por Caldart (2009) no que diz respeito à construção histórica da Educação do Campo, a qual emerge do seio das lutas sociais, para, no acúmulo de práticas e experiências desenvolvidas, elaborar-se como concepção educativa que entende os/as trabalhadores/as do campo como sujeitos de sua história, com direito de acessar as políticas sociais desde o lugar onde vivem e produzem sua existência. Entendemos que a Agroecologia apresenta elementos imprescindíveis nessa direção.

Metodologia

No intuito de estabelecer elos entre a Agroecologia e a organização do trabalho nas escolas do campo realizamos um levantamento bibliográfico considerando o acúmulo que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) vem realizando nesse sentido, por meio da coleção “Caminhos para a transformação da escola” (organizada por Roseli Caldart e outros) e das discussões organizadas por Ribeiro (2017). No que diz respeito à Agroecologia, tomamos como base as



contribuições de Altieri (2012) e Sevilla Guzmán (2011). Tais referências serviram como base para o estudo e explicitação dos conceitos que entendemos chave para as escolas do campo em sua estruturação dos projetos políticos pedagógicos: a ligação do processo de socialização dos conhecimentos com a vida, no qual o trabalho adquire papel de centralidade, a relação entre singular e universal nesse processo, a perspectiva da formação omnilateral. Compreendemos que tanto a Agroecologia como a Educação do Campo, enquanto sínteses teórico-práticas, apresentam contribuições imprescindíveis para o desdobramento de tais conceitos na construção de processos educativos que almejam uma formação humana que toma como eixo a vida, colocando como horizonte a superação da exploração humana e dos recursos da natureza pelo capital.

Resultados e Discussão

A agricultura convencional desenvolvida no Brasil atualmente, fortalecida pelo pacote tecnológico da Revolução Verde, é baseada na utilização intensiva de adubos/fertilizantes sintéticos, agrotóxicos, motomecanização, irrigação, separação espacial da produção, utilização de sementes/variedades híbridas e transgênicas. Tendo como resultado o esgotamento do solo, as monoculturas, o envenenamento dos alimentos, a expulsão de trabalhadores/as do campo, a concentração de terras e a transformação dos produtos agropecuários em *commodities* de mercado, entre outros efeitos deletérios ao ambiente e à humanidade.

A Agroecologia não é um modelo alternativo à agricultura convencional, pois visa mudanças mais profundas do que apenas (mesmo isso não sendo pouco) alterar o modo de produção agropecuária. Conforme Foster (2005), a Agroecologia é a possibilidade da reconexão metabólica do ser humano com a natureza. Contudo, esta não pode terminar sendo parte da caixa de ferramentas do sistema agroindustrial para reestruturar-se no contexto da atual crise civilizatória (GIRALDO & ROSSET, 2016); ao contrário, deve ajudar a “alicerçar o projeto de luta e construção da *agricultura camponesa do século XXI*, que articula produção agrícola de base ecológica, com o princípio de soberania alimentar, com a socialização da propriedade da terra e com formas de trabalho associado (CALDART, 2016).

Partindo de Altieri (2012), assumimos que a Agroecologia é tanto ciência quanto um conjunto de práticas. Como ciência, a Agroecologia “pretende compreender as práticas sociais de pessoas transformando a natureza ou relações sociais de produção” (MARTINS *et. al.*, 2014, p. 87), assentada em uma “teoria crítica que elabora um questionamento radical [porque pretende ir à raiz] à agricultura industrial, fornecendo simultaneamente as bases conceituais e metodológicas para o desenvolvimento de agroecossistemas sustentáveis” (PETERSEN, 2012, p.07). Suas práticas se fundamentam em uma diversidade de conhecimentos e experimentações de agricultores e agricultoras, em diferentes épocas, lugares e ecossistemas, na busca da manutenção e melhoria das condições do solo, na gestão das águas e da biodiversidade, na conservação dos recursos naturais.



Consideramos que a Agroecologia fortalece a necessária ruptura com o atual sistema vigente que condiciona um modelo de produção agrícola, de educação, de escola. Esta não é um “referencial teórico supostamente neutro, (...) compatível ao e parte do modo de produção capitalista” (CAMARGO, 2007, p. 178). Ao contrário, assumimos que a Agroecologia pressupõe tomada de posição de classe, mudança nas relações sociais, envolve questões centrais como a concentração privada da água/terra, a Soberania Alimentar, a Reforma Agrária, uma educação emancipadora.

Assim, como Caldart (2016), nos ancoramos na “potencialidade e a importância política, ética e formativa de avançar na aproximação entre escolas do campo e Agroecologia”, no sentido de pensar e fazer uma escola vinculada com a materialidade da vida no campo, e, sobretudo, que possa contribuir para a construção de uma vida que não esteja baseada na exploração capitalista do campo. Entretanto, há que se indicar que possibilidades concretas existem no sentido de construir uma escola do campo que, ao buscar unir conhecimento e vida, possa contribuir no sentido de uma formação ampla, omnilateral, contrapondo-se à unilateralidade do trabalho presente nas relações sociais de produção capitalistas e arraigadas no formato escolar contemporâneo.

Apontamos a essencial relação entre singular e universal na prática educativa. Ou seja, afirmar algo que a concepção de Educação do Campo já vem construindo enquanto diretriz formativa: a conexão da socialização dos conhecimentos científicos/artísticos/filosóficos com a materialidade da vida, em sua existência singular, os conhecimentos produzidos no trabalho e vida no campo.

Um relato de práticas pedagógicas já realizadas são os “campos experimentais” de escolas em assentamentos da Reforma Agrária do Ceará. O desenvolvimento dessa experiência trouxe uma síntese que indica o caminho alcançado, almejando que “[...] ao produzir mandioca nos campos experimentais, não se produza apenas mandioca, produzam-se, sobretudo, conhecimentos. Conhecimentos sobre o cultivo da mandioca; conhecimentos sobre a organização coletiva para o cultivo da mandioca; e conhecimentos científicos, da Química, da Biologia, da Física, da Matemática da Geografia, da História, implícitos no cultivo da mandioca (SILVA, 2017, p. 105).

A categoria trabalho assume caráter central, compreendida em sua dupla existência, enquanto humanizador e, sob o capitalismo, como desumanizador, explorador e alienante, em todas as esferas. Aqui, a conexão entre Agroecologia e escola do campo pode ser elucidada por práticas já existentes (RIBEIRO et. al., 2017; MICHELOTTI et. al., 2017; LEITE e SAPELLI, 2017), pautadas no entendimento de que o trabalho, enquanto elemento educativo nas escolas, não pode ser artificializado, assim como a Agroecologia. Ambos, articuladamente, levam a escola para fora dela, para além de seus muros, contribuindo para a relação com o entorno e para provocar alterações concretas tanto num quanto noutro.

Ressaltamos a concepção de trabalho socialmente necessário, oriundo da experiência soviética (PISTRAK, 2006; SHULGIN, 2013), que auxilia na importância



do duplo sentido da formação. Isto porque a intervenção realizada, a tarefa prática, precisa ser decidida coletivamente pelos sujeitos, a partir de uma necessidade real da comunidade (escolar, o que inclui o que está fora dos seus muros e a atinge), trazendo modificações que qualifiquem a vida das pessoas e, ao mesmo tempo, permitindo a socialização dos conhecimentos aos educandos e educandas.

Tais tarefas práticas, que levam a articular trabalho socialmente necessário com práticas agroecológicas, envolvem uma gama de possibilidades, as quais indicamos preliminarmente: elaboração de inventários da realidade para o reconhecimento do entorno da escola, seus problemas e potenciais, dando base para o planejamento de ações educativas e pedagógicas; saídas de campo para conhecer diferentes tipos de experiências cooperadas, inspirando-se para realizar algo prático desde a escola, que tenha vínculo com alguma necessidade coletiva; confecção de coleções/biblioteca/banco de sementes, oportunizando feiras de trocas de sementes na escola/comunidade; realização de práticas agroecológicas, como hortas mandalas, quintais agroflorestais, proteção de fontes de águas, embelezamento da escola e entorno; produção de jornais informativos sobre acontecimentos locais e gerais; promoção de festas camponesas, que resgatem a cultura e o sentido coletivo do mutirão, das práticas solidárias de trocas, como momento para partilhar e celebrar a vida. Estas são apenas algumas possibilidades a serem organizadas coletivamente a partir das demandas de cada comunidade/escola do campo.

Caldart (2016, p. 01) contribui com essa reflexão ao afirmar que a “relação das escolas do campo com a Agroecologia é hoje necessária e possível, e em todas as escolas, cada qual em suas circunstâncias. Ela já está sendo construída, mas não está dada e nem é simples. É uma relação que se coloca no bojo de um projeto de transformação da agricultura, assim como da educação e da escola, a favor dos interesses sociais e humanos da maioria das pessoas, da humanidade.”

Conclusões

Há entraves para consolidar a perspectiva da relação educação, trabalho e produção nas escolas do campo, entretanto, encontramos na Agroecologia o eixo que tem a potencialidade de possibilitar essa articulação. Assumindo-a como matriz formativa podemos avançar na transformação das escolas do campo, ao mesmo tempo em que construímos pilares para acumular conhecimentos e experiências no sentido da superação da exploração do trabalho no campo e dos recursos naturais.

Referências Bibliográficas

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 23^a Ed., São Paulo, Rio de Janeiro: Exp. Popular, AS-PTA, 2012.



CALDART, R. S. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, Educação e Saúde**. V. 7, N. 1, Rio de Janeiro, 2009. p. 35-64.

CALDART, R. S. **Escolas do Campo e Agroecologia: uma agenda de trabalho com a vida e pela vida**. Mimeo. 2016.

CAMARGO, P. Fundamentos da transição agroecológica: racionalidade ecológica e campesinato. **Agrária**, São Paulo, nº 7, pp. 156-181, 2007.

FOSTER, J. B. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GIRALDO, O. F. ROSSET, P. M. La agroecología en una encrucijada: entre la institucionalidad y los movimientos sociales. **Guaju**, Matinhos, v.2, n.1, p. 14-37, jan./jun. 2016

LEITE, V. J.; SAPELLI, M. L. S. Possibilidade do trabalho pedagógico com a agroecologia no caminho para transformação da escola: reflexões desde práticas do MST/Paraná. In: CALDART, R. S. (Org.). **Caminhos para a transformação da escola: trabalho, agroecologia e estudos nas escolas do campo**. São Paulo: Exp. Popular, 2017.

MARTINS, A. et. al. Seminário sobre o Ensino de Ciências da Natureza nas Escolas do Campo. In: CALDART, R. S.; STEDILE, M. E.; DAROS, D. (orgs.). **Caminhos para a transformação da escola: agricultura camponesa, educação politécnica e escolas do campo**. 1 ed. São Paulo: Exp. Popular, 2014. p. 73-112.

MICHELOTTI, F. et al. A agroecologia como base de diálogo entre Educação Profissional e Educação Infantil no Assentamento Palmares II, Pará. In: CALDART, R. S. (Org.). **Caminhos para a transformação da escola: trabalho, agroecologia e estudos nas escolas do campo**. São Paulo: Exp. Popular, 2017.

PETERSEN, P. Agroecologia em construção: terceira edição em um terceiro contexto. In: ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Exp. Popular, 2006.

RIBEIRO, D. S. (org.). **Agroecologia na educação básica: questões propositivas de conteúdo e metodologia**. 2 ed. São Paulo: Exp. Popular, 2017^a.

RIBEIRO, D. S. *et al.* Educação em Agroecologia: percurso da construção de uma proposta pedagógica para as escolas do campo no Extremo Sul da Bahia. In: CALDART, R. S. (Org.). **Caminhos para a transformação da escola: trabalho, agroecologia e estudos nas escolas do campo**. São Paulo: Exp. Popular, 2017^b.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia

Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



SEVILLA GUZMÁN, E. **Sobre los orígenes da la agroecología en el pensamiento marxista y libertario**. La Paz, Bolivia: AGRUCO/Plural Editores/CDE/NCCR, 2011.
SHULGIN, V.. **Rumo ao politecnismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SILVA, P. R. Trabalho, educação e agroecologia nos campos experimentais das escolas de Ensino Médio dos assentamentos do Ceará. In: CALDART, R. S. (Org.). **Caminhos para a transformação da escola: trabalho, agroecologia e estudos nas escolas do campo**. São Paulo: Exp. Popular, 2017.